CATALOGO

DAS OBRAS APRESENTADAS

NA DECIMA-QUINTA EXPOSIÇÃO TRIENNAL

E

DISCURSO

pronunciado pelo Ill.^mo e Exc.^mo Snr. CONDE DE SAMODÃES

INSPECTOR

DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

NA RESPECTIVA SESSÃO PUBLICA

E

Distribuição de premios da mesma Academia

NO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1887

PORTO

Typographia de A. J. da Silva Teixeira

Cancella Velha, 70

1887

CATALOGO

DAS

OBRAS APRESENTADAS NA DECIMA-QUINTA EXPOSIÇÃO TRIENNAL

E

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DE SAMODÃES

CATALOGO

DAS OBRAS APRESENTADAS

NA DECIMA-QUINTA EXPOSIÇÃO TRIENNAL

E

DISCURSO

pronunciado pelo Ill.mo e Exc.mo Snr. CONDE DE SAMODÃES

INSPECTOR

DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

NA RESPECTIVA SESSÃO PUBLICA

E

Distribuição de premios da mesma Academia

NO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1887

PORTO

Typographia de A. J. da Silva Teixeira

Cancella Velha, 70

1887

DISCURSO INAUGURAL

Senhores,

São decorridos mais de vinte e um annos, desde que n'este mesmo logar abri uma exposição triennal da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Venho hoje repetir esse acto solemne, inaugurando a decima quinta exposição. Sem duvida não voltarei mais aqui; não só m'o annuncia o adiantamento da vida, mas tambem a minha retirada d'esta cidade, onde tenho passado a maior parte da minha existencia.

As mesmas saudações que em 1866 endereçava á prestimosa instituição, que abre hoje mais este certamen, aos laureados nas luctas do estudo, á arte e ao Porto, as repito hoje, tão ardentes e sinceras como as soltava o meu amor pelo que é grande, util e elevado.

Então commemorava eu com palavras sentidas a excelsa Rainha, que fundára esta Academia, e saudava o Augusto Fi-

lho, que reinava sobre os portuguezes, no fausto dia do seu anniversario natalicio; hoje tenho ainda a fortuna de felicitar o mesmo Soberano, que a Divina Providencia tem conservado, para percorrer um dos mais brilhantes reinados, e se o dia escolhido para esta ceremonia não poude ser o do mesmo anniversario de Sua Magestade, por motivos, estranhos á nossa vontade, consagramos para ella um dia de gala nacional, anniversario da exaltação ao throno da egregia dynastia, que El-Rei gloriosamente representa.

Faz hoje 247 annos que um duque de Bragança, herdeiro de quatorze gerações de reis, era alevantado ao throno, pelo seu direito e pelo esforço dos valentes que libertaram a terra portugueza. Nem então nem hoje o grito da independencia era uma explosão de odio contra a gloriosa nação, que se apoderára de Portugal: era sim a reclamação de um direito, de que em um momento de surpreza fôra despojada a nossa patria. Esta erguia-se conscia da sua dignidade, relembrando as suas tradições e continuando a sua missão, para recuperar a sua autonomia e reatar a série dos seus monarchas naturaes. Conseguido isto, prestava o tributo da sua justa admiração á nação irmã, e com ella progredia na historia, com o respeito do mundo, na sua missão providencial, esplendida entre as mais bellas, destinadas aos diversos povos da Europa.

Se, por injustificados caprichos, o triumpho d'esse acto reparador teve de custar torrentes de sangue, desde largos annos que uma paz respeitosa e segura se acha estabelecida, e hoje mais do que nunca, caminhamos unidos na estrada larga da civilisação, participando um e outro povo dos beneficios d'ella, ligados pelos laços da mais desinteressada amizade, como ligados se acham pelo contacto das suas fronteiras, pelos caminhos de ferro, pelos fios electricos, pelos rios, pelas estradas; concorrendo para essa fecunda união tanto a natureza como o genio do homem, pelas suas victorias sobre a materia, pelos triumphos assombrosos da sciencia, tal como hodiernamente subsiste.

Appliquemos pois este anniversario, que não relembra já uma lucta, mas sim a paz inviolavel que a terminou, para celebrarmos mais uma vez a fundação d'esta Academia e felicitarmos os seus alumnos, que mais se distinguiram no ultimo triennio na difficil carreira das artes do bello.

Ser-me-hia agradavel, n'este momento, poder relatar melhoramentos importantes, conseguidos n'este ultimo periodo em beneficio da Academia e do ensino das Bellas-Artes.

Infelizmente os poderes publicos, tão prodigos no anno corrente e nos passados para com outros estabelecimentos d'instrucção publica, continuam a mostrar-se mesquinhos, avaros e descuidosos com relação ás Bellas-Artes e nomeadamente ao ensino d'ellas no Porto.

Não é só a protecção, que se lhes recusa, assignala-se mesmo uma formal e obstinada denegação da justiça.

A reforma de 1881, que beneficiou a Academia de Bellas-Artes em Lisboa, melhorando-se as condições do professorado e ampliando o quadro do ensino, passou sem contemplar a Academia Portuense.

As recentes leis em favor do professorado nos lyceus, nos estabelecimentos de instrucção superior, nos especiaes, institutos e escóla do exercito, não attenderam em cousa alguma as repetidas e justificadas reclamações do corpo docente d'esta Academia.

É em vão que as consultas do conselho geral d'instrucção publica tem consignado esta gravissima injustiça, e que vozes auctorisadas a tem feito sobresahir nas duas casas do parlamento; nem as diversas situações politicas, nem os corpos colegislativos tem dado a minima importancia ás reclamações, aos argumentos, ás conveniencias do ensino.

São decorridos mais de cincoenta annos, desde que esta instituição se erguera, pela iniciativa poderosa de Manoel da Silva Passos, o ministro revolucionario mas creador, e em vez de ter caminhado no sentido do seu aperfeiçoamento, tem re-

trogradado, já pelas medidas decretadas para restringir o quadro do ensino, já pelo abandono, a que se tem votado o unico estabelecimento verdadeiramente artistico do norte de Portugal.

É lamentavel fazer esta exposição, mas eu faltaria ao dever que me impõe a consciencia, se n'esta occasião solemne procurasse occultar a verdade e louvar procedimentos, que não admittem desculpa.

Como correctivo a esse desamor dos poderes publicos, sem distincção dos homens, que os representam, apparece-nos louvavelmente a tenacidade do professorado em desempenhar cabalmente as suas obrigações, e a paixão dos alumnos por este estudo seductor, irresistivel das Bellas-Artes, para que tantos patenteiam vocação decidida, e já provada em muitas circumstancias.

Tambem felizmente divisa-se uma certa benevolencia por parte da administração municipal em favor d'esta instituição.

Essa mudança lisonjeira era de prevêr, desde que o governo do municipio foi confiado a homens de reconhecido merito scientifico, um dos quaes por desgraça foi prematura e repentinamente arrebatado pela morte, quando iniciava brilhantemente a administração, que o voto popular lhe confiára.

Vamos finalmente ter dentro d'este recinto uma aula para o estudo da esculptura, substituindo o acanhado compartimento, onde até agora se reuniam os alumnos, condemnados a modelar nas trevas, privados de ar, tiritando de frio e envolvidos em uma atmosphera humida e insalubre.

Seja este indeclinavel melhoramento o prenuncio de dias menos severos para esta Academia, cujo alvorecer foi tão risonho, a que não correspondeu até agora a vida, que tem levado, repleta de privações, desalentada pelo abandono, ralada pelas contrariedades incessantes, que de proposito ou por descuido lhe tem opposto quem devera só proporcionar-lhe incentivo, estimulos e protecção.

Ha quem supponha que a nossa época não está talhada

de molde para a cultura das Bellas-Artes, considerando-a destinada sómente para os trabalhos de uma utilidade pratica e immediata. Essa actividade immensa, que se apoderou de todos os povos, para melhorarem as suas condições materiaes, bem longe de abandonar o progresso nas artes bellas, pelo contrario exerce-se energicamente na cultura d'estas mesmas. É assombroso o movimento que se nota por toda a parte a seu respeito, e nunca se manifestou uma fecundidade semelhante em quadros, estatuas e monumentos. Entre nós mesmos e no Porto se observa animação excepcional, que as repetidas exposições denunciam, presagiando um futuro esperançoso para os esplendores da arte e para a gloria dos artistas.

Muitos d'estes ou subsidiados pelo Estado ou agenciando outros meios tem ido completar a sua educação nos paizes, onde ás artes se consagram cultos ardentes.

Outros vão visitar esses paizes e ahi apreciam os ricos museus, os modelos acabados, os monumentos sumptuosos e os mestres experimentados.

Outros forcejam por adquirir posição e nome entre os seus conterraneos e trabalham incessante e sériamente.

Entre os primeiros contam-se oito pensionarios enviados por esta Academia para fazerem diversos cursos em Paris e na Italia. Quatro d'estes exercem já o professorado com a mesma distincção, de que deram brilhantes provas durante os cursos academicos no paiz e fóra d'elle; um concluiu o seu curso no estrangeiro, conquistando nome honroso nos certamens mais disputados; outro, que muito promettia e largamente provou, foi ceifado pela morte na flôr dos seus annos, deixando indelevel saudade nos que o estimavam como homem e como artista. Actualmente estão dois em trabalho de estudo, e algumas das suas producções enriquecem esta exposição.

O pensionista Miguel Ventura Terra conquistou o seu logar em um concurso disputado, para a classe de architectura civil. Chegado a Paris foi logo admittido na Escóla Nacional e Espe-

cial de Bellas-Artes. Successivamente entrou em dois concursos e obteve em ambos a classificação de segunda medalha. Este auspicioso exordio da sua carreira, difficilimo de conseguir no pouco tempo passado desde que a encetou, veio justificar, se de justificação precisasse, o acerto da escolha do jury. Contestada a classificação, que este lhe deu, por alguns dos jornaes, que emittiam a sua opinião, deslumbrados pelo espectaculoso das provas de outro candidato, habil no manejo do lapis e da penna, serenamente esperou a Academia que o jury estrangeiro, isento de paixões, confirmasse a favoravel opinião, que ella formou do candidato em presença das provas do concurso, em que se revelavam conhecimentos solidos de geometria descriptiva e sisudez na concepção de um plano architectonico.

A confirmação foi cabal, e serviu para demonstrar a isenção, com que se procedeu n'este e em casos analogos, em que os affectos particulares dos criticos tem injustificadamente pretendido deparar apreciação menos correcta.

É de crêr que este facto sirva, no futuro, de correctivo a desmandos de linguagem, que nunca incommodam todavia a quem tendo a responsabilidade do voto procura dal-o com a maior imparcialidade.

Outro dos pensionistas da Academia, da classe de esculptura, Thomaz Figueiredo Araujo Costa, tambem obteve o seu logar em um concurso, no qual teve por antagonista outro distincto alumno. A maioria do jury conferiu-lhe o logar, lamentando que não houvesse segundo, para poder contemplar o outro candidato. Felizmente este obteve meios para seguir o mesmo destino, e ambos tem correspondido ao favoravel conceito que mereciam aos seus professores e aos que tiveram occasião de apreciar as provas apresentadas durante o concurso.

O pensionista de architectura concluiu agora o primeiro anno do seu curso, e o de esculptura o segundo. Tem este procurado desempenhar-se da sua commissão d'estudo, frequen-

tando não só o desenho na galeria do antigo, mas tambem o curso de historia universal, historia da arte e litteratura, o de anatomia e de roupagens. Desde o primeiro anno nos enviou alguns trabalhos apreciaveis e conseguiu que uma cabeça d'expressão, por elle composta, fosse admittida no salão de 1886, e no segundo anno que é o corrente obteve na exposição a admissão de um busto de menina, por elle modelado.

Estes resultados lisonjeiros, conseguidos pelos dois pensionistas nos primeiros tempos dos seus estudos nos grandes concursos parisienses, fazem esperar que elles continuarão a manter a honrosa posição que os artistas portuguzes tem sabido occupar n'aquelle centro de movimento scientifico, litterario e artistico, onde não é facil conquistar um nome distincto, principalmente nos dominios das Bellas-Artes.

O premio triennal, de noventa mil reis, instituido pelo benemerito barão de Castello de Paiva, cuja avultada fortuna foi toda distribuida em obras de caridade e para fomentar a instrucção publica, teve d'esta vez um só concorrente, o snr. João Augusto Ribeiro, o qual escolheu o magnifico assumpto, tirado do Evangelho, conhecido pelo Bom Samaritano, ou quem é o nosso proximo.

O artista luctou com vantagem com a difficuldade do assumpto, e sem embargo da deficiencia da sua educação artistica, impossivel de completar no acanhadissimo quadro d'esta Academia, onde não se leccionam os alumnos, á mingoa de professores, no que interessa á historia da arte, á archeologia e á esthetica, houve-se muito louvavelmente e mereceu os applausos do jury e a concessão do promettido premio, assás quantioso para animar os concorrentes, os quaes, se não se apresentam, é porque lhes faltam os complementos indispensaveis para atacarem com confiança os assumptos de composição complicada.

O barão de Castello de Paiva, ao instituir em seu testamento este premio, não só quiz perpetuar o seu nome n'este

instituto, mas deixar um estimulo para a creação de artistas de primeira plana, insufflando-lhes a inspiração religiosa, aquella que em todos os tempos tem produzido trabalhos de maior merito, e sobretudo de belleza.

Não é só por se tratar um assumpto religioso que se manifesta a inspiração artistica religiosa; quantos quadros existem d'este genero que estão longe de evidenciar a disposição, que sem duvida o instituidor teve em mente.

Elle, homem illustradissimo, que havia perscrutado os segredos das sciencias naturaes e nomeadamente os da que tem por objecto o conhecimento do corpo humano, das funcções da vida e das perturbações morbidas d'ella, conhecia de sobra os quadros dos grandes mestres, que se alevantaram ao ideal das concepções religiosas.

Desejava elle que as Bellas-Artes progredissem sob essa inspiração, porque é ella a geradora mais fecunda da poesia, que é representada sobre a tela, no marmore das estatuas ou no granito dos monumentos.

A arte como a poesia procura o silencio e a solidão, para que o espirito se expanda com toda a liberdade e amadureça os pensamentos, a que ha de dar corpo e vida.

Para que ella se apresente sublime e grandiosa precisa concentrar-se, porque as grandes cousas exigem um esforço energico e intenso, como são a prece, essa conversa intima com Deus, a poesia, o cantico secreto da alma, e as obras de arte, a manifestação de um pensamento profundamente elaborado.

É então que a alma desperta e concebe antes de executar. O plano está formado na mente antes de se transformar em palavras, sujeitas á cadencia e á rima, em notas, submettidas ás regras da harmonia, em traços na tela e côres que os preenchem, determinados pelos principios da esthetica, em fórmas e molduras, reguladas pelas disposições da geometria e da plastica.

E porém o pensamento que prepara todo esse trabalho, e elle se inspira na contemplação das montanhas, das florestas e dos rios, no espectaculo do firmamento e das estrellas, no estampido dos ventos e das torrentes, em todas as grandezas visiveis, para d'ahi se guindar para além do que se não vê, mas se presente, e d'ahi para a immensidade do incommensuravel e infinito, para o ideal e para Deus.

É por isso que o artista como o poeta precisa inspirar-se na idéa religiosa, afim de que a sua obra offereça aquillo, que lhe imprime o principal relevo, a belleza; porque esta é um ideal, que se afasta sempre por mais que se forceje por attingil-o. É por isso tambem que as fronteiras da arte são illimitadas, pela impossibilidade que ha de conhecel-as, e demarcal-as, nunca podendo dizer-se que se tocou o maximo a que ella póde elevar-se, a cumiada extrema da montanha, que se alevanta acima das outras, cuja crista se conseguiu escalar após esforços poderosos e contínuos.

N'esse campo vastissimo ha logar para tudo; ahi se representam essas confidencias intimas da alma, todos os seus sentimentos, as amarguras, as recordações; se reconstrue o passado, se phantasia o futuro, se pinta o que se vê, se imagina o invisivel, e se sobe tanto que se pensa ter alcançado o throno, onde em toda a magestade, contempla a sua obra o Creador de tudo quanto existe, no qual se encontra tudo quanto se observa e se presente.

N'esse quadro immenso uns podem apenas ser alumiados pela luz bruxoleante do crepusculo, outros pelos raios esplendorosos da madrugada, outros logram vêr-se circumdados de luz mais brilhante ainda, mas nenhum poderá affirmar que a sua vista intima é tão forte que a póde encarar no maximo da sua energia, no ponto culminante do zenith, de modo que não haja quem a defronte mais pura e fulgurante.

A essa concepção sublime das Bellas-Artes opporia obstaculo insuperavel a escóla realista, se ella podesse tornar-se arbi-

tra suprema. E com effeito ella o tem tentado, e, auxiliada pelo talento e pela perfeição do desenho, procura conquistar a primazia na arte; mas diante das suas producções o coração permanece frio, a imaginação não se anima, e a intelligencia não depara assumpto, que a detenha. Admira-se o engenho do artista, e fica-se impassivel, passando além. Não permanecem gravadas as lembranças do que se viu, esquece-se a obra e perde-se o nome do auctor. Ao passo que isto succede com as obras, em que ha mingoa d'inspiração, embora n'ellas appareçam as provas do aperfeiçoamento da arte, ficam indeleveis na memoria de todos os quadros onde a inspiração predomina.

Quem não conhece os frescos de Raphael, reproduzidos por muitos modos, e esse poema assombroso de Buonarotti, denominado o Juizo final, em que a scena terrivel, que se procura descrever, se apresenta em toda a sua magestade para excitar a admiração e apavorar o espirito?

N'esses e em outros muitos quadros que ornam os museus de Roma e outras cidades depara-se vida, movimento, idéa, e d'elles se conserva recordação que nunca se extingue.

Em outros, aliás irreprehensiveis na fórma, no desenho, na composição, tudo isso se reconhece, mas faltando-lhe a inspiração, não deixam impressão duradoura.

Essa inspiração é a poesia, ou ella vá procurar assumptos á religião, que é o alimento da alma, ou ao amor da patria, que acalenta o coração, ou ao espectaculo da natureza, que produz um extasi delicioso.

Ao percorrer uma galeria, uma exposição, um museu descobre-se ao primeiro relance, onde o artista aos conhecimentos da sua profissão acrescentava o sentir, o scismar, o arrebatamento do poeta; então passam despercebidos os defeitos da execução, e gravam-se apenas as harmonias do conceito.

E hoje que os artistas abundam, que as exposições annuaes patenteiam milhares de producções, o que denota uma actividade enorme, só sobresahem aquelles que se assignalam por

algum pensamento elevado, que o espectador comprehende antes de lêr o distico ou de manusear as descripções contidas no catalogo.

Para isto não é mister que se seja artista; em qualquer exposição se conhece quaes são os quadros que chamam mais a attenção publica. É o sentimento do bello, da arte que mais ou menos desenvolvido existe em todos os homens. Eis o que se observa igualmente nas composições musicaes e nas poeticas. Impressiona o que é resultado da inspiração; passa sem deixar vestigios o que não tem essa origem. Para que esses trabalhos privilegiados appareçam, torna-se necessario que concorram muitos outros, que não logram essas vantagens. Mas é tão grande o prestigio da arte, que ninguem se desalenta ante as difficuldades com que se defronta e todos se atrevem a procurar superal-as. É o que se vê em todas as exposições, que, esplendidas e numerosas nos paizes estrangeiros, se vão adaptando ao nosso proprio.

É este um indicio favoravel, que nos faz conceber fundadas esperanças de que um dia, e não distante, veremos os artistas portuguezes occuparem o logar distincto, que lhes compete, obtendo remuneração condigna do seu merecimento e trabalho.

Se não fôra isto, diriamos que estamos em um tempo, em que escravisados pelo utilitarismo, só se procuram commodidades para a vida, já pelos melhoramentos materiaes, que são patrimonio commum, já por ambição illimitada de riquezas, e muitos haverá que pensem ser este o unico assumpto de que todos se devem occupar, importando-se pouco com aquillo, que, não entrando no quadro d'esse utilitarismo, se deve considerar como vão ou desnecessario. Felizmente uma reacção salutar denuncía esse labutar incessante dos artistas, o numero crescente dos que se consagram ao estudo das artes, e o apreço que se lhes dá em toda a parte.

É para lamentar que no nosso paiz os governos, que tantas providencias tem tomado para alargar a instrucção primaria, se-

cundaria, superior e especial, chegando em alguns casos a duplicar e triplicar os mesmos cursos em um só logar, hajam prestado tão pouca attenção ás Bellas-Artes, deixando definhar esta escóla, sustentando apenas e com pouco desvelo a de Lisboa, e pensando que tudo satisfazem e attendem creando alguns cursos de desenho especial n'este ou n'aquelle ponto.

Por maior que seja o numero d'esses cursos, por mais complicada que seja a estructura das Academias e a subdivisão das cadeiras, sempre que as sciencias não sejam acompanhadas pelo desenvolvimento das Bellas-Artes, aquellas não se avantajarão e o paiz não se collocará a par d'aquelles com quem quer e deve equiparar-se.

Uma instrucção artistica forte e robusta é por onde se aquilata o estado de adiantamento de um povo.

Os grandes seculos celebrados na historia, que foram notaveis pelas glorias litterarias, não se tornaram menos conhecidos pelas producções artisticas. Entre esses seculos litterarios sobreleva o de Leão x, o Magnifico, que presenceou esses genios assombrosos, que ainda hoje, decorridos mais de tres seculos, são a admiração do mundo. Os romeiros do Bello vão desde essa época em peregrinação aos logares, onde estão como precioso relicario os trabalhos gigantescos d'esses artistas famosos do seculo aureo. Esse seculo não foi unico, porque teve predecessores e tem successores; o actual, em que as artes, as sciencias e as suas espantosas applicações tem tido uma expansão maravilhosa, depara sentado no throno do generoso Pontifice da casa dos Medicis outro Leão, não menos magnifico, artista e sabio, que de tudo quanto é grande e alevantado se declarou Mecenas prestimoso.

Assim é e assim devia ser. «A arte, disse Schiller, o mais popular e brilhante poeta da Allemanha, é a mão direita da natureza; esta todavia produz só creanças, aquella faz d'ellas homens.» Leão XIII, que é um sabio, comprehende esta sentença do mavioso poeta germanico, e assim a comprehendem todos

os grandes pensadores e os governos illustrados. Assim se entendeu sempre em Italia, e por isso a Italia cognominou-se a patria das Bellas-Artes. A França, a Hespanha, a Hollanda, a Allemanha, a Russia, todas as nações tem justo e fundado orgulho em contar entre os seus filhos illustres grandes artistas e entre os seus monumentos obras de arte, cujo merito seja reconhecido.

Por isso o Pontifice actual querendo commemorar o mais portentoso genio da philosophia, S. Thomaz d'Aquino, encarregou o esculptor Cesar Aureli para com o seu cinzel dar vida no marmore áquelle vulto venerando; e querendo outrosim que ficasse um marco colossal que relembre o ultimo concilio ecumenico, encarregou a Guaccarini de elevar em uma columna monumental a estatua do Principe dos Apostolos.

Ao lado d'estes dois esculptores notaveis trabalham Montovani, Mannucci e outros artistas de nome já na pintura já na estatuaria, já finalmente n'essa brilhante arte do mosaico, tão genuinamente italiana, como as afamadas tapeçarias de Gobelins são francezas.

A Italia e a França se deram sempre as mãos n'estas glorias da arte, as mais puras e immorredouras de todos os triumphos do genio do homem.

No declinar d'este seculo, quasi ao fenecer d'elle, em cordial amplexo e sempre em rivalidade generosa as duas nações prestam á arte um culto apaixonado, cujas ceremonias augustas nos descrevem os criticos, os visitantes, os curiosos e os homens competentes.

Nunca abundaram tanto os jornaes illustrados; e a arte da reproducção, enriquecida com novos e maravilhosos processos, nos transmitte tudo quanto a fecundidade inexhaurivel dos artistas vai produzindo, tudo quanto de precioso se descobre nos archivos do passado.

Por estes meios, ainda mesmo sem as visitar, nós fazemos juizo aproximativo do modo como se apresentam essas exposi-

ções, que todos os annos chamam a concurso os artistas, ao es
tudo os entendidos e ao espectaculo o publico.

São sem duvida imponentes esses concursos, e entre o bon
e o mediocre, entre o inspirado e o correcto, entre o brilhant
e o commum ha muito que vêr, que estudar, que admirar. Nã
é a nossa exposição talhada por esses moldes, nem seria possi
vel que ella assumisse essas dimensões, mesmo guardadas a
proporções devidas, porque nem aqui temos os estimulos, qu
além se encontram, nem dispomos de um mercado como lá se
offerece, nem o fim d'este certamen é o mesmo d'aquelle qu
se faculta em um concurso internacional, a que são convidados
nacionaes e estrangeiros, mestres e discipulos, artistas consum-
mados e principiantes.

A nossa exposição, aberta para todos, é especialmente des-
tinada a patentear os trabalhos dos nossos alumnos, durante o
triennio decorrido desde a ultima apresentação, habilitando o
publico a julgar do escrupulo com que o jury academico pro-
cede na classificação dos mesmos alumnos; é uma exposição
escolar e por isso circumscripta aos limites do ensino que se
dispensa na Academia.

Os trabalhos dos alumnos estão patentes e adornam a nossa
galeria. Faltam n'ella os quadros do concurso magno triennal,
que foi annunciado para architectura; mas tendo-se inscripto
dois concorrentes, não proseguiram elles no seu trabalho, aban-
donando-o por mingoa de tempo.

Um melhoramento se introduziu na galeria, tornando per-
manente o que até agora tinha o caracter de transitorio. Pàra
isto contribuiu um subsidio modico, ordenado pelo ministerio
do reino.

Esta galeria não é só destinada ás exposições fugitivas, mas
tambem ás permanentes, como museu. Nunca foi ella de uma
riqueza tal, que a aproxime sequer dos museus, que existem
fóra do paiz em cidades de bem menor importancia do que a
do Porto; mas o que a torna ainda mais pobre é nunca ter

onseguido do governo a dotação mais modesta, de modo que ıão só ha impossibilidade de adquirir novas obras, mas até de onservar as existentes. A formação de uma galeria de pintu-as de valor é obra de grande dispendio, mas a conservação l'ella não é muito onerosa. Os governos do paiz entendem po-ém que essa conservação se consegue indefinidamente, sem uxilio algum. As consequencias se estão presenceando n'esta aleria, aberta todos os dias ao exame do publico, o qual ob-erva com mágoa o decahimento progressivo e inevitavel dos uadros, que se colleccionaram, por ausencia completa de res-auro e reparação.

O brado, que incessantemente se levanta em representações, os relatorios annuaes, nos discursos de abertura das exposições, inda não encontrou echo nas secretarias d'estado ou nas salas os corpos legisladores.

Por isso todas as vezes que nos temos reunido aqui, em ez de entoarmos hymnos, temos repetido a triste historia, a ual se reduz a consignar a manutenção do mesmo estado; em gar de uma festa nacional ou local, assistimos a uma scena e dôr e tristeza.

No meio todavia d'essas contrariedades alguma coisa nos onsola o espirito, retempera o animo e faz renascer a espe-ança.

Vê-se que a nossa Escóla não está abandonada, que os aixonados pela arte não diminuem, que as vocações artisti-as não escasseiam, e que se lucta com perseverança para ven-r a má sorte.

Essa tenacidade no combate ha de ser coroada por um ito feliz.

Os poderes publicos não hão de permanecer sempre surdos reclamações justissimas, que todos os annos lhes são ende-çadas.

Esta cidade mesma, que se acha hoje ligada por muitas li-ıas de viação accelerada com todo o paiz e o estrangeiro, que

*

progride a olhos vistos no seu aformoseamento e nas grandes manifestações da civilisação, que se ostenta em toda a evidencia entre as mais adiantadas da nação e de fóra d'ella, ha de tomar verdadeiro interesse pela prosperidade das bellas-artes e para se distinguir tambem n'ellas, e tanto bastará para que o museu, a escóla, as exposições assumam a posição, que lhes compete em harmonia com a importancia da terra, onde estão, e o adiantamento que em toda a parte tomam as artes destinadas a patentear o que é bello.

O que o bello seja nunca houve metaphysico que o definisse, e não se codificaram ainda regras, a que elle tenha de submetter-se.

Se o bello não tem definição, nem systema, nem methodos, comprehende-se, sente-se, apalpa-se e não se confunde.

São inuteis os livros que se tem escripto sobre esta questão metaphysica; elles deixam sempre uma incerteza tal na apreciação do que caracterisa a belleza, que os estudos dos mais abalisados pensadores não lograram adiantar as soluções da questão.

Nem por isso deixa de haver n'ella uma objectividade que todos reconhecem e assignalam.

É para esse sentimento intimo que appellam os que amam esta instituição, creada em uma hora de inspiração feliz.

É esse sentimento intimo que vencerá os obstaculos e elevará a Escóla e o Museu, honrará a arte e recompensará os que se consagram a ella.

Senhores,

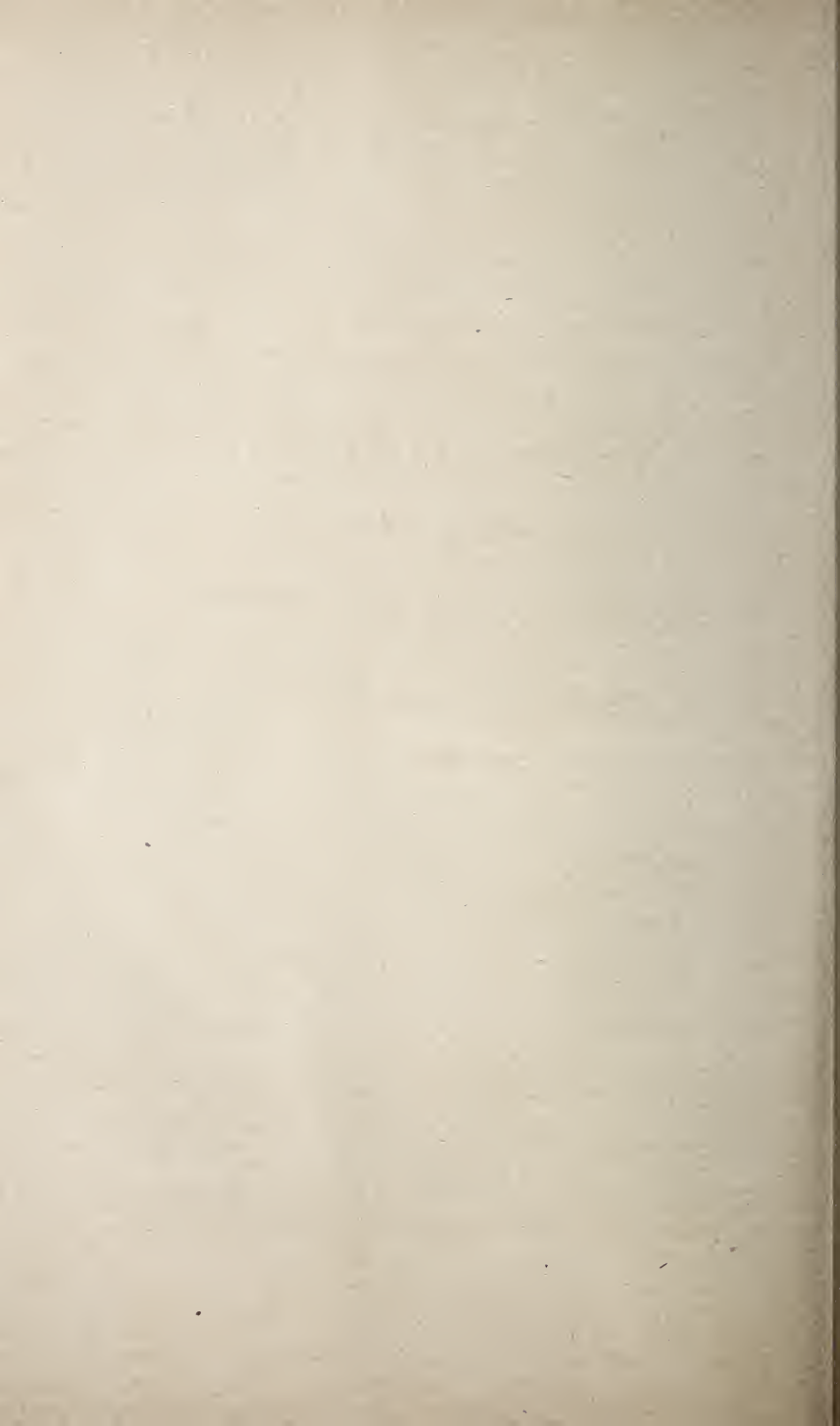
Emquanto não chega o momento de se fazer uma festa solemne, por se tornarem em realidade as nossas aspirações, saudemos os alumnos, que tendo superado as difficuldades enormes da iniciação da arte, apresentam aos nossos olhos as provas do seu engenho e das suas fadigas.

Vamos entregar-lhes os diplomas, que são o testemunho publico e solemne, que os seus mestres lhes prestam da satisfação, com que viram o exito dos seus cuidados e dos desvelos dos discipulos.

Lancemos mais uma pedra no grandioso edificio da arte.

Celebremos mais uma vez a fundação d'este instituto civilisador, nobre e honroso.

E façamos votos para que em cada uma das assembléas futuras, que se congreguem n'este recinto, só haja motivos para regosijo, concorrendo os de fóra e os de casa a este templo para celebrarem os progressivos triumphos da arte e da sciencia, companheiras inseparaveis e essenciaes uma da outra.

Disse.

CATALOGO

DAS OBRAS APRESENTADAS

NA DECIMA-QUINTA EXPOSIÇÃO TRIENNAL

DA

ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

EM 1887

Desenho

José d'Almeida e Silva, natural de Vizeu, freguezia occidental, alumno do 5.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

1 — O pequeno e o pato, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve o 1.º segundo premio de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

Antonio Alves Pinto, natural do Porto, freguezia de S. Nicolau, alumno do 4.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

2 — O pequeno e o pato, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve o 2.º segundo premio de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

3 — Venus Anadyomene, desenhada do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve o 3.º premio pecuniario de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

4 — Germanico, desenhado do antigo para exame do 4.º anno, e pelo qual foi julgado digno de elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0m,63. Largura 0m,48.

5 — Mercurio sentado, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Altura 0m,62. Largura 0m,48.

Eduardo Augusto Ferreira de Moura, natural do Porto, freguezia de Cedofeita, alumno do 5.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

6 — O pequeno e o pato, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve o 3.º segundo premio de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Altura 0m,63. Largura 0m,48.

Arthur José de Castro Rocha, natural do Porto, freguezia de Santo Ildefonso, alumno do 5.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

7 — Academia, desenhada do modelo vivo para exame do 5.º anno, estudo pelo qual foi julgado digno de elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0m,63. Largura 0m,48.

8 — Germanico, desenhado do antigo para exame do 5.º anno, segunda prova, pela qual foi julgado digno de elogio na mesma conferencia.

Altura 0m,63. Largura 0m,48.

9 — Venus Anadyomene, desenhada do antigo no concurso annual, e pela qual obteve o terceiro premio de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura $0^{m},63$. Largura $0^{m},48$.

Bernardo José de Lima, natural de Braga, freguezia de S. João do Souto, alumno do 2.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

10 — Cabeça de Marcus Junius Brutus, desenhada do antigo para exame do 2.º anno, e pela qual foi julgado digno d'elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura $0^{m},63$. Lagura $0^{m},48$.

11 — Cópia d'estampa, fazendo parte do mesmo exame.

Altura $0^{m},63$. Largura $0^{m},48$.

José Raphael Alves Moreira, natural de S. Martinho do Campo, concelho de Vallongo, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

12 — Cabeça de Marcus Junius Brutus, desenhada do antigo para exame do 1.º anno, e pela qual foi julgado digno d'elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura $0^{m},63$. Largura $0^{m},48$.

Augusto Luiz de Freitas, natural de S. Pedro, Rio Grande do Sul, alumno do 4.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

13 — Venus Anadyomene, desenhada do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve o terceiro premio pecuniario de 20$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura $0^{m},63$. Largura $0^{m},48$.

Julio Gonzaga Ramos, natural do Porto, freguezia da Sé, alumno do 4.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

14 — Venus Anadyomene, desenhada do antigo no concurso annual, pela qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

Antonio Candido da Cunha, natural de Barcellos, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

15 — Dorso do Illissus, desenhado do antigo para exame do 3.º anno, e pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 de agosto de 1887.

Altura 0^{m},48. Largura 0^{m},63.

16 — Cópia d'estampa, fazendo parte do mesmo exame.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

17 — Retrato do snr. J. G. R., desenhado (estudo).

Altura 0^{m},44. Largura 0^{m},57.

Miguel Ventura Terra, natural de Caminha, freguezia de S. Pedro de Seixas, alumno do 5.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

18 — O pequeno e o pato, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},48.

Antonio Peres Dias Guimarães, natural do Porto, freguezia do Bomfim, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

19 — Mercurio sentado, desenhado do antigo no concurso ao premio annual, estudo pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,48.

20 — Germanico, desenhado do antigo para exame do 4.º anno, e pelo qual foi approvado em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,48.

José de Brito, natural de Vianna do Castello, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, estudando agora em Paris por subscripção particular.

21 — Academia, desenhada do modelo vivo.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,49.

22 — Academia, desenhada do modelo vivo.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,46.

23 — Academia, desenhada do modelo vivo.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,49.

Estes tres estudos foram offerecidos á Academia pelo mesmo que os desenhou.

Albino Pinto Rodrigues Barbosa. **(Vid. Esculptura).**

24 — Retrato do snr. J. J. Teixeira Lopes.

Altura 0^m,55. Largura 0^m,42.

Thomaz Figueiredo d'Araujo Costa, natural de S. Thiago de Riba d'Ul, concelho d'Oliveira d'Azemeis, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

25 — Academia desenhada do modelo vivo, primeira prova do concurso ao logar de pensionario do Estado da classe de esculptura em Paris em 1885.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,48.

Joaquim Victorino Ribeiro, natural do Porto, alumno que foi da Academia Portuense de Bellas-Artes.

26 — Academia.

Altura 0^m,63. Largura 0^m,46.

27 — Academia.

Altura 0^m,63. Largura 0^m,46.

28 — Academia.

Altura 0^m,63. Largura 0^m,46.

29 — Academia.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,46.

Estas quatro academias, desenhadas do modelo vivo em Paris, foram offerecidas á Academia pelo mesmo snr. Victorino Ribeiro.

Aguarella

D. Francisca d'Almeida Furtado, natural de Vizeu, academica de merito da Academia Portuense de Bellas-Artes.

1 — Gloxinias.

Altura 0^m,33. Largura 0^m,48.

2 — Rosas.

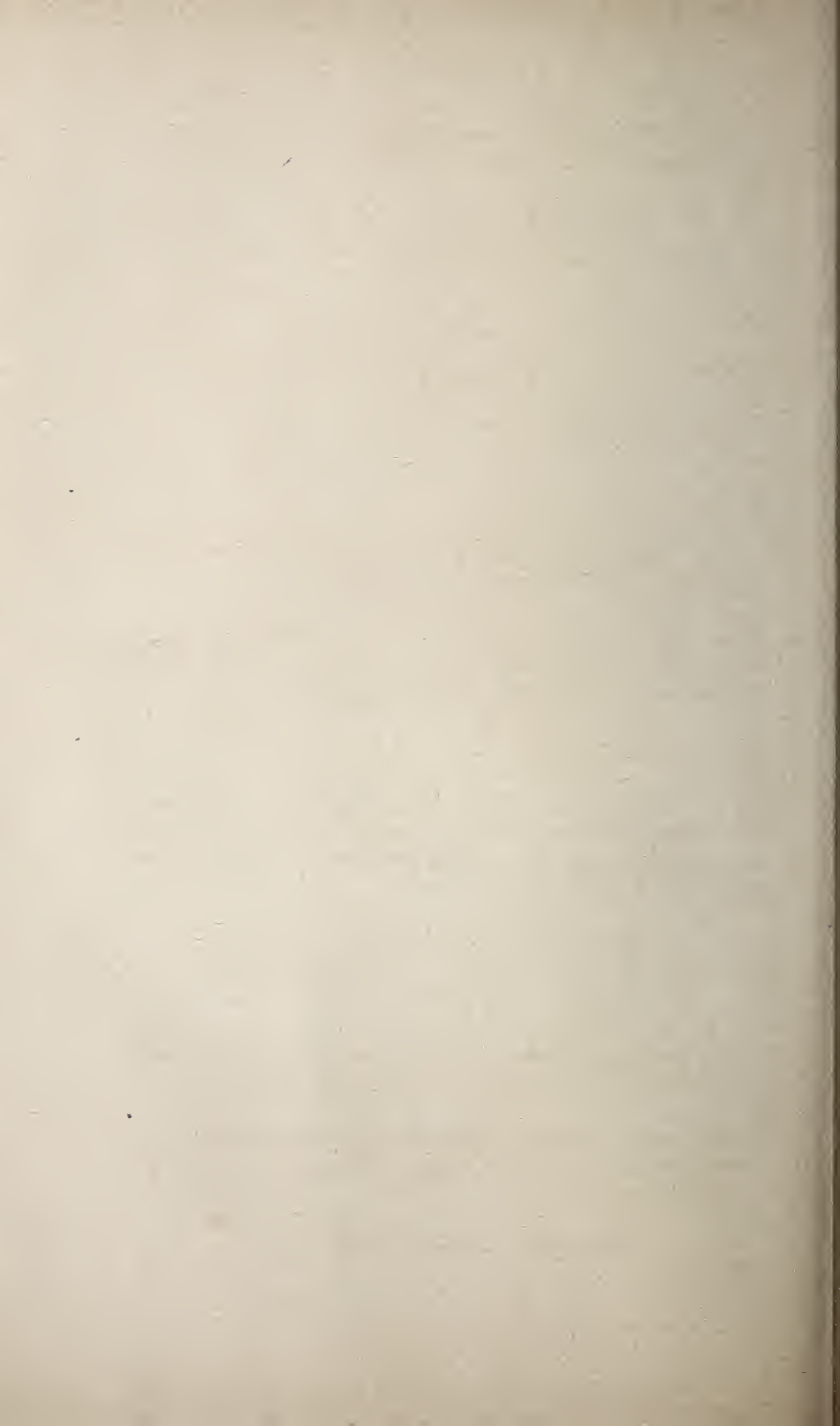
Altura 0^m,33. Largura 0^m,48.

Antonio Candido da Cunha, alumno do 3.º anno de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes.

3 — Camelias. Pertence ao snr. José Joaquim da Cunha.

Altura 0^m,24. Largura 0^m,16.

4 — Cabeça d'estudo a pastel.

Altura 0^m,42. Largura 0^m,33.

Pintura

João Augusto Ribeiro, natural de Villa-Real, freguezia de S. Pedro, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

1 — Moysés salvo das aguas, quadro de composição propria para exame do 5.º anno, e pelo qual obteve louvor, e foi julgado digno de ficar na Academia para estimulo dos outros alumnos.

Altura $1^{m},30$. Largura $0^{m},99$.

2 — O Bom Samaritano, quadro de composição propria, pintado a oleo para o concurso ao premio *Barão de Castello de Paiva,* e pelo qual obteve o premio pecuniario de 90$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Altura $0^{m},71$. Largura $0^{m},60$.

José d'Almeida e Silva, alumno de pintura historica da Academia Portuense de Bellas-Artes, rua Chã 143, 3.º andar.

3 — Vitellio, estudo copiado do gesso para exame do 1.º anno, e pelo qual obteve elogio com 17 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura $0^{m},65$. Largura $0^{m},50$.

4 — Cabeça d'expressão, copiada do natural para exame do 2.º anno, e pela qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Altura 0^{m},70. Largura 0^{m},49.

5 — Mesa posta.

Altura 0^{m},60. Largura 0^{m},50.

6 — Violeta, cabeça d'estudo.

Altura 0^{m},20. Largura 0^{m},15.

Eduardo Augusto Ferreira de Moura, alumno de pintura historica da Academia Portuense de Bellas-Artes.

7 — Vitellio, estudo copiado do gesso para exame do 1.º anno, e pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Altura 0^{m},65. Largura 0^{m},50.

8 — Cabeça d'expressão, copiada do natural para exame do 2.º anno, e pela qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Altura 0^{m},70. Largura 0^{m},54.

9 — Retrato do snr. Julio Gonzaga Ramos, estudo.

Altura 0^{m},55. Largura 0^{m},41.

Arthur José de Castro Rocha, alumno de pintura historica da Academia Portuense de Bellas-Artes.

10 — Homero, estudo copiado do gesso para exame do 1.º anno, e pelo qual foi approvado com 15 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Miguel Ventura Terra, alumno de pintura historica da Academia Portuense de Bellas-Artes.

11 — Vitellio, estudo copiado do gesso para exame do 1.º anno, sendo approvado com 13 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Julio Gonzaga Ramos, alumno do 5.º anno de desenho historico.

12 — Cópia d'uma cabeça de mulher intitulada *Souvenirs,* pintada a oleo em Paris pelo pensionario o snr. José Julio de Sousa Pinto e original de Mr. Chaplin.

Pertence a D. Cecilia Paranhos.

Altura 0^{m},68. Largura 0^{m},47.

13 — A mosca, estudo do natural.

Pertence a D. Emmerenciana Paranhos.

Altura 0^{m},65. Largura 0^{m},41.

14 — Paizagem, Azenhas de Bessadas, Barcellos, estudo do natural.

Altura 0^{m},32. Largura 0^{m},24.

Joaquim Augusto Marques Guimarães, natural do Porto, morador na rua Formosa 313, 1.º andar: antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

15 — Rosas e despedidas do verão.

Altura 0^{m},55. Largura 0^{m},40. **Vende-se. 45$000 reis.**

16 — Pecegos e uvas.

Altura 0^{m},45. Largura 0^{m},35. **Vende-se. 40$000 reis.**

17 — A passagem do comboio, scenas do Minho.

Altura 0^{m},87.

Este quadro foi offerecido pelo auctor á Academia.

---

*

José Julio de Sousa Pinto, natural d'Angra do Heroismo, antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, presentemente pensionario do Estado em Paris.

18 — Ismael no deserto, assumpto de composição no seu ultimo anno de pensionario, e que fica sendo propriedade d'esta Academia.

Altura 1^m,28. Largura 0^m,98.

19 — Cabeça d'estudo.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,53. **Vende-se. 90$000 reis.**

20 — Sem familia.

Altura 0^m,42. Largura 0^m,33. **Vende-se. 200$000 reis.**

21 — Cada um seu turno.

Altura 0^m,42. Largura 0^m,33. **Vende-se. 200$000 reis.**

22 — Retrato do juiz da Relação do Porto o snr. Lino Antonio de Sousa Pinto.

Altura 0^m,46. Largura 0^m,35.

Rodrigo Soares, natural do Porto, freguezia do Bomfim, antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes; presentemente estudando em Paris por subscripção particular.

23 — Cabeça d'estudo, que pertence ao snr. Antonio Augusto Firmino dos Santos Almeida.

Altura 0^m,25. Largura 0^m,21.

Joaquim Victorino Ribeiro, antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, e que estudou tambem em Paris por subscripção particular.

24 — Assumpto biblico.

Altura 0^{m},35. Largura 0^{m},27.

25 — Soldado mostrando as suas feridas em defeza da patria.

Altura 0^{m},32. Largura 0^{m},40.

26 — Assumpto campestre.

Altura 0^{m},32. Largura 0^{m},40.

27 — Os naufragos.

Altura 0^{m},25. Largura 0^{m},34.

28 — O cadaver de S. João Baptista na prisão.

Altura 0^{m},26. Largura 0^{m},40.

Estes cinco esbocetos foram offerecidos á Academia pelo mesmo snr. Victorino Ribeiro.

José de Brito, natural de Vianna do Castello, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, estudando agora em Paris por subscripção particular.

29 — Estudo d'homem, academia pintada.

Altura 0^{m},80. Largura 0^{m},45.

30 — Estudo de mulher, tamanho natural.

Altura 1^{m},00. Largura 0^{m},80.

Estes dous estudos foram offerecidos pelo auctor á Academia.

Pintura com tintas vitreas sobre porcelana

Albino Pinto Rodrigues Barbosa, morador na rua do Marquez de Sá da Bandeira 22, em Villa Nova de Gaya.

1 — Retrato do snr. Manoel de Sousa Carqueja.

Altura 0^{m},275. Largura 0^{m},20.

2 — Retrato do snr. Ernesto A. Fontes.

Altura 0^{m},23. Largura 0^{m},16.

3 — Retrato de criança.

Altura 0^{m},275. Largura 0^{m},20.

4 — Um prato com o retrato de D. F. A. G.

Diametro 0^{m},245.

5 — Rua do Conselheiro Velloso da Cruz.

Diametro 0^{m},245.

6 — Casa da eira.

Diametro, 0^{m},245.

7 — Flôres.

Diametro 0^{m},245.

Architectura civil

Francisco Manoel d'Oliveira Carvalho, natural de Braga, freguezia da Sé, alumno do 5.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Projecto d'um hospital civil, pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

1 — Alçado.

Altura 0^{m},62. Largura 0^{m},95.

2 — Planta.

Altura 0^{m},74. Largura 0^{m},48.

3 — Córte.

Altura 0^{m},42. Largura 0^{m},63.

Miguel Ventura Terra, natural de Seixas, concelho de Vianna do Castello, alumno do 5.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

4 — Alçado.

Altura 0^{m},50. Largura 0^{m},86.

5 — Planta.

Altura 0^m,80. Largura 0^m,55.

6 — Estudo d'ornato, cópia do gesso.

Altura 0^m,48. Largura 0^m,62.

7 — Problema de geometria descriptiva.

Altura 0^m,45. Largura 0^m,63.

8 — A Galilé ao norte da Sé Cathedral do Porto.

Altura 0^m,63. Largura 0^m,90.

9 — Planta da mesma.

Altura 0^m,51. Largura 0^m,86.

Academia e Escóla de Bellas-Artes.

10 — Alçado.

Altura 0^m,61. Largura 0^m,91.

11 — Planta.

Altura 0^m,62. Largura 0^m,90.

Os seis ultimos trabalhos foram os do concurso ao logar de pensionario do Estado em Paris em 1886.

12 — Plantas do rez do chão e primeiro andar, á escala de 0^m,01 por metro.

Altura 0^m,57. Largura 0^m,84.

13 — Córte longitudinal, á escala de 0^m,025.

Altura 0^m,72. Largura 0^m,98.

14 — Córte transversal feito pelo primeiro patamar, á escala de 0^m,05 por metro.

Altura 1^m,02. Largura 0^m,06.

15 — Detalhe ao quarto da execução representando a planta e a elevação da base, fuste, capitel e entablamento da ordem *dorico-romana* empregada nas galerias da escada.

Altura 0^m,60. Largura 0^m,44.

16 — Detalhe d'um portico da ordem *dorico-grega.*

17 — 1.º Detalhe do portico, á escala de $0^{m},05$ por metro.
2.º Detalhes da ordem ao quarto da execução.

Altura $1^{m},00$. Largura $0^{m},74$.

Estes seis estudos constituem a remessa dos trabalhos no seu primeiro anno, que ficam propriedade d'esta Academia, e pelos quaes obteve duas menções.

Ernesto Eugenio Alves de Sousa Junior, natural do Porto, freguezia de Paranhos, alumno obrigado para o curso de engenheiros da Academia Polytechnica do Porto.

Um Palacio da Industria, projecto pelo qual obteve 15 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

18 — Alçado.

Altura $0^{m},60$. Largura $0^{m},92$.

Benjamim Alves Velludo, natural do Porto, freguezia do Bomfim, alumno do 5.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Projecto d'um hospital civil, pelo qual obteve 15 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

19 — Alçado.

Altura $0^{m},56$. Largura $0^{m},97$.

Antonio Alves Pinto, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

20 — Estudo de sombras.

Altura $0^{m},49$. Largura $0^{m},37$.

21 — Conservatorio d'artes e officios, estudo d'aguarella.

Altura $0^{m},39$. Largura $0^{m},51$.

22 — Um tumulo.

Altura $0^{m},56$. Largura $0^{m},44$.

Por estes tres estudos obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

José de Carvalho Vianna, natural de Melres, concelho de Gondomar, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

23 — Estudo de sombras.

Altura $0^{m},68$. Largura $0^{m},48$.

24 — Estudo de sombras.

Altura $0^{m},68$. Largura $0^{m},46$.

Manoel d'Oliveira Passos Junior, natural de S. Christovão de Mafamude, concelho de Villa Nova de Gaya, alumno do 2.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

25 — Estudo de sombras.

Altura $0^{m},46$. Largura $0^{m},55$.

Eduardo Augusto Ferreira de Moura, natural do Porto, freguezia de Cedofeita, alumno do 4.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

26 — Projecto d'uma bibliotheca publica.

Altura $0^{m},57$. Largura $0^{m},85$.

José Corrêa Martins Junior, natural da freguezia de Serzedo, concelho de Gaya, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Theatro de Marcello.

27 — Alçado e córte.

Altura $0^{m},71$. Largura $0^{m},49$.

Estudo pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Bernardo José de Lima, natural de Braga, freguezia de S. João do Souto, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas Artes.

28 — Cópia d'estampa, estudo do 1.º anno.

Altura 0^{m},66. Largura 0^{m},48.

29 — Cópia d'estampa, estudo do 1.º anno.

Altura 0^{m},67. Largura 0^{m},49.

Estudos pelos quaes obteve elogio com 17 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

30 — Tumulo de Francisco I, estudo do 2.º anno.

Altura 0^{m},65. Largura 0^{m},46.

31 — Entrada do Luxembourg, estudo do 2.º anno.

Altura 0^{m},68. Largura 0^{m},48.

Antonio Candido da Cunha, natural de Barcellos, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

32 — Estudos da ordem corinthia no 1.º anno.

Altura 0^{m},60. Largura 0^{m},47.

33 — Estudo de sombras no 1.º anno.

Altura 0^{m},78. Largura 0^{m},56.

Estudos pelos quaes obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Augusto Maria Coelho Pinto, natural do Porto, freguezia da Sé, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

34 — Estudo de 1.º anno. Cópia d'estampa.

Altura 0^{m},53. Largura 0,48.

35 — Estudo de 1.º anno. Cópia d'estampa.

Altura $0^m,62$. Largura $0^m,43$.

Estudos pelos quaes obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

36 — Cópia d'estampa para estudo do 2.º anno.

Altura $0^m,51$. Largura $0^m,39$.

37 — Cópia d'estampa para estudo do 2.º anno.

Altura $0^m,45$. Largura $0^m,63$.

Por estes dois estudos de sombras obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Antonio Duarte Pereira da Silva, natural de S. Miguel de Bairros, concelho de Castello de Paiva, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

38 — Arco de triumpho da Estrella.

Altura $0^m,58$. Largura $0^m,46$.

39 — Theatro de Marcello.

Altura $0^m,58$. Largura $0^m,45$.

Por estes dois estudos de sombras obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Alvaro Augusto de Padua Gomes d'Azevedo, natural de Guimarães, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

40 — Porta do Conservatorio das Artes e da Industria, estudo do 2.º anno.

Altura $0^m,42$. Largura $0^m,53$.

41 — Tumulo de Francisco I, estudo do 2.º anno.

Altura $0^m,46$. Largura $0^m,60$.

42 — Estudo de sombras no 2.º anno.

Altura 0^{m},55. Largura 0^{m},45.

43 — Estudo de sombras no 2.º anno.

Altura 0^{m},41. Largura 0^{m},36.

Por estes quatro estudos obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Manoel Teixeira Leal, natural de Avintes, concelho de Villa Nova de Gaya, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

44 — Um portico, alçado, planta e córte, estudo pelo qual obteve elogio com 17 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Alfredo Nunes dos Santos, natural do Porto, freguezia de S. Nicolau, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

45 — Cópia d'estampa para 1.º anno.

Altura 0^{m},54. Largura 0^{m},64.

46 — Cópia d'estampa para 1.º anno.

Altura 0^{m},76. Largura 0^{m},53.

Por estes dois estudos obteve elogio com 17 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Augusto dos Santos, natural de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

47 — Cópia d'estampa para 1.º anno.

Altura 0^{m},53. Largura 0^{m},40.

48 — Alçado, planta e córte d'uma columna d'ordem jonica.

Altura 0^{m},63. Largura 0^{m},45.

Por estes dois estudos obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

Antonio Malheiro Machado, natural do Porto, freguezia de Santo Ildefonso, alumno do 1.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

49 — Traçado da voluta, e alçado e planta do capitel com a indicação das canneluras.

Altura 0^m,55. Largura 0^m,43.

Premio Soares dos Reis (Projecto de invenção)

José d'Almeida e Silva.

Projecto d'uma fonte publica, pelo qual obteve o premio de 6$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

50 — Alçado.

Altura 0^m,46. Largura 0^m,38.

51 — Córte e planta.

Altura 0^m,46. Largura 0^m,34.

Miguel Ventura Terra, natural de Caminha, freguezia de S. Pedro de Seixas, alumno do 5.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

52 — Alçado.

Altura 0^m,58. Largura 0^m,40.

53 — Planta e córte.

Altura 0^m,37. Largura 0^m,55.

José de Carvalho Vianna, natural de Melres, concelho de Gondomar, alumno do 3.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Projecto d'um posto de barreiras pelo qual obteve o premio de 6$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

54 — Alçado.

Altura 0^m,46. Largura 0^m,44.

55 — Planta e córte.

Altura 0m,35. Largura 0m,50.

Antonio Alves Pinto, natural do Porto, freguezia de S. Nicolau, alumno do 4.º anno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

56 — Alçado.

Altura 0m,35. Largura 0m,41.

57 — Planta e córte.

Altura 0m,28. Largura 0m,40.

José Marques da Silva, alumno do 3.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

58 — Alçado.

Altura 0m,36. Largura 0m,45.

59 — Planta e córte.

Altura 0m,33. Largura 0m,52.

José Marques da Silva, alumno do 4.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Projecto d'uma arca d'agua, pelo qual obteve o premio de 6$000 reis em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

60 — Alçado.

Altura 0m,54. Largura 0m,42.

61 — Planta e córte.

Altura 0m,31. Largura 0m,43.

Eduardo Augusto de Moura, alumno do 5.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

62 — Alçado.

Altura 0m,47. Largura 0m,36

63 — Planta e córte.

Altura 0m,30. Largura 0m,44.

José Corrêa Martins Junior, alumno do 2.º anno d'architectura civil da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O mesmo projecto, pelo qual obteve menção honrosa em conferencia geral de 31 d'agosto de 1887.

64 — Alçado, planta e córte.

Altura 0m,52. Largura 0m,72.

Esculptura

Thomaz Figueiredo d'Araujo Costa, natural de S. Thiago de Riba d'Ul, concelho d'Oliveira d'Azemeis, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

1 — Catão preparando-se para o suicidio, estatueta em pleno relevo.

Altura $1^{m},05$.

2 — Cabeça d'expressão, do modelo vivo, tamanho natural.

Estes dois trabalhos foram executados no concurso de pensionario do Estado da classe de esculptura, e são propriedade da Academia.

Os tres seguintes constituem a primeira remessa dos seus estudos na Escóla Nacional de Bellas-Artes em Paris, e tambem são propriedade da Academia.

3 — Um estudo academico em alto relevo.

Altura $1^{m},00$.

4 — Uma composição em baixo relevo, Jesus chamando a si os meninos.

Altura $0^{m},42$. Largura $0^{m},33$.

5 — Cabeça d'estudo, tamanho natural.

Serafim de Sousa Neves, natural de Rio-Tinto, concelho de Gondomar, alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes.

6 — Estatueta, estudo em pleno relevo no seu 5.º anno.

Altura $1^{m},05$.

7 — Estudo academico em alto relevo.

Altura $1^{m},00$.

8 — Euryclêa reconhecendo Ulysses, composição em baixo relevo para exame do 5.º anno, pela qual foi considerado digno de louvor com 18 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Antonio Alves Pinto, alumno d'esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes.

9 — Um estudo em pleno relevo para exame do 4.º anno, pelo qual obteve elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1885.

Altura $1^{m},00$.

10 — Um estudo academico em pleno relevo.

Altura $1^{m},06$.

11 — Estudo em alto relevo.

Altura $1^{m},00$.

12 — Um alto relevo para estudo de pannejamentos.

Altura $0^{m},93$.

13 — Narciso, composição em pleno relevo pela qual foi considerado digno de louvor com 18 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Cherubim Maria Coelho Pinto, alumno d'esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes.

14 — Uma estatueta, estudo feito durante o seu 5.º anno.

Altura $1^{m},00$.

15 — Estudo academico em alto relevo.

Altura $1^{m},00$.

16 — Um alto relevo para estudo de pannejamentos.

Altura $0^{m},93$.

17 — Narciso, composição em pleno relevo, pela qual foi considerado digno de elogio com 16 valores em conferencia geral de 31 d'agosto de 1886.

Antonio Teixeira Lopes, natural de Santa Marinha, concelho de Villa Nova de Gaya, antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, estudando agora em Paris por subscripção particular.

18 — Thereza, busto em marmore, retrato da menina Thereza Silva.

Altura $0^{m},49$.

19 — Busto em gesso, retrato do snr. Thaddeo Maria d'Almeida Furtado, secretario da Academia.

Altura $0^{m},65$.

20 — Orphão, cabeça d'expressão, em gesso.

Altura $0^{m},58$.

21 — Busto em barro cozido, retrato do snr. Rodolpho Amoêdo, distincto artista brazileiro.

---

*

José Julio de Sousa Pinto, natural d'Angra do Heroismo, antigo alumno da Academia Portuense de Bellas-Artes, presentemente pensionario do Estado em Paris.

22 — Um medalhão em gesso, retrato do snr. Eduardo de Sousa Pinto.

Diametro 0^m,40.

23 — Um medalhão em gesso, retrato do snr. Alberto Carlos de Sousa Pinto.

Diametro 0^m,40.

José Joaquim Teixeira Lopes, um dos proprietarios da Fabrica de Ceramica nas Devezas em Villa Nova de Gaya.

24 — Um centro de mesa (barro cozido).

Altura 0^m,90.

CATALOGO